14:39 31%

SEG _ Rachel Maia (quinzenal) _Ricardo Henriques (quinzenal)_ TER _ Míriam Leitão _ QUA _ Zeina Latif _ QUI _ Míriam Leitão _ SEX _ Fabio Giambiagi (quinzenal)_Rogério Furquim Werneck (quinzenal) _ SÁB _ Carlos Góes (mensal) _ DOM _ Míriam Leitão

MÍRIAM LEITÃO

blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao
miriam@oglobo.com.br
Com Ana Carolina Diniz

A busca do tom certo na ajuda

O governo tentou muito atrapalhar sua própria notícia boa. Era dia de o presidente Lula ir ao Rio Grande do Sul com seus ministros, comandantes militares, presidente do STF e vice-presidente do TCU anunciar medidas para socorrer a população, mas na maior parte dele, o que ocupou o noticiário foi a troca na presidência da Petrobras. Na cerimônia na Unisinos, em São Leopoldo, houve momentos em que ministros deixavam autoridades locais à deriva. Parecia intervenção e não ajuda. Coube ao ministro Luís Roberto Barroso lembrar que ali se estava elevando o "patamar civilizatório da não politização de uma crise humanitária".

A implementação de toda esta ajuda terá que ser feita sem montar palanque para as próximas eleições. A escolha do ministro Paulo Pimenta, gaúcho, político e com ambições locais pode acabar gerando atritos e desconfiança. O governador Eduardo Leite lembrou, quando falou, que "não haverá diferenças políticas e ideológicas entre nós que nos impeça de trabalhar". E mais adiante disse que "o governo federal passa recursos para o acolhimento humanitário e nós estamos somando esforços do governo do estado".

Não há dúvida de que a presença constante, desde o primeiro momento, do governo federal nesta crise do Rio Grande do Sul marca uma enorme diferença de atitude diante da tragédia em relação ao governo anterior. Mas é preciso manter o protocolo do respeito às autoridades locais. A palavra "apoio" foi dita, mas faltou deixar bem mais presente a palavra "cooperação".

Essa terceira viagem do presidente Lula ao Rio Grande do Sul foi preparada com medidas concretas, como o Auxílio Reconstrução, mas, na maior parte do dia de ontem, a economia esteve de olho nas ações da Petrobras após a demissão de Jean Paul Prates. No fim do dia, a empresa perdeu R$ 35 bilhões de valor de mercado. Do ponto de vista da comunicação, área que Paulo Pimenta comandava até ontem, o melhor teria sido deixar para outro dia. A fritura de Prates já vinha acontecendo há muito tempo. Poderia ter esperado um pouco mais.

E qual a natureza dessa mudança na Petrobras? Não é uma escolha entre uma pessoa que defendia o respeito à governança da empresa e outra que obedecerá ao Palácio do Planalto. Parece mais o resultado de brigas intestinas. O próprio Prates mostrou que também acatava as solicitações do governo quando disse que entregou a política de preços que o presidente pediu. Ele deu sorte, porque estava segurando os preços defasados. Só que o petróleo caiu no exterior e ontem cálculos de especialistas do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE) apontavam que não havia mais defasagem. O problema é a empresa ficar ao sabor desse tipo de conflito interno. Magda Chambriard será a sexta pessoa a presidir a companhia em seis anos e, nesse ímpeto intervencionista na Petrobras, o atual governo fez o mesmo que o anterior. O primeiro desafio da nova presidente é combater a impressão de que estará lá apenas cumprindo ordens do governo. É uma empresa de capital aberto com acionistas no mundo inteiro, e os minoritários precisam também ser respeitados. O segundo desafio será não repetir erros do passado, de transformar a Petrobras em motor, por exemplo, da indústria naval. Isso já deu muito errado.

> ***Governo acertou nas medidas de apoio ao RS, errou na politização e roubou seu show ao trocar a presidência da Petrobras na véspera***

No caso da ajuda ao Rio Grande do Sul, a revoada para o estado foi excelente ideia, e o conjunto de medidas anunciado pelo ministro Rui Costa é sólido. Um auxílio de R$ 5,1 mil para 240 mil famílias, possibilidade de saque do FGTS, antecipação do Bolsa Família e inclusão de mais famílias no programa, antecipação do abono, restituição imediata do imposto de renda, e várias medidas imobiliárias.

O problema foi que, em determinado momento, o presidente Lula politizou o discurso trincando a ideia de um pacto sobre essas diferenças em torno da solidariedade a atingidos pela tragédia. O presidente falou que chamara outros poderes porque o ato tinha que ser uma orquestra. Em vários momentos a cerimônia esteve no tom correto, em outros, desafinou.

Esta crise é de longo prazo. Haverá tempo para afinar melhor os instrumentos. Como disse o ministro Barroso "a natureza tragicamente escolheu aqui para dar esse imenso sinal de alerta de que a mudança climática não é mais um problema abstrato, é um problema real e que nós precisamos enfrentá-la com medidas efetivas, concretas e corajosas".

GUINADA NA ESTATAL

Petrobras perde R$ 34 bi em valor de mercado

Troca no comando causou a maior desvalorização da companhia na Bolsa desde a crise dos dividendos. Ações caíram mais de 6%. Mercado vê risco de interferência política e está atento a distribuição de lucros, investimentos e preço de combustíveis

LUANA REIS
luana.reis@oglobo.com.br

As Petrobras perdeu R$ 34 bilhões na Bolsa em valor de mercado ontem, após a saída de Jean Paul Prates do comando da empresa, segundo levantamento da Elos Ayta Consultoria. As ações ordinárias da estatal, com direito a voto, encerraram em queda de 6,78% e as preferenciais (sem voto) em baixa de 6,04%. O desempenho da estatal puxou para baixo o Ibovespa, que recuou 0,38%, aos 128.027 pontos.

Essa foi a segunda maior queda nas ações da Petrobras durante o atual mandato de Lula, atrás somente da crise dos dividendos em março deste ano, quando a empresa perdeu R$ 55 bilhões em valor de mercado em um único dia, ao decidir não distribuir integralmente dividendos extraordinários aos acionistas.

As ações preferenciais ainda acumulam alta de 10,82% desde o início do ano e as ordinárias, 9,89%.

Com a notícia da demissão de Prates na noite de terça-feira, antecipada pela colunista do GLOBO Malu Gaspar, os papéis da companhia já iniciaram o dia com turbulência. As ações chegaram a cair 9,57%, na mínima do dia, e a entrar em leilão na B3, mecanismo da Bolsa para quando há oscilação muito forte nas cotações ou a divulgação de fato relevante sobre a empresa enquanto o pregão ainda está em andamento.

Por volta das 12h30, as negociações também foram interrompidas, à espera de um comunicado. A Petrobras divulgou a confirmação de que seu Conselho de Administração aprovou o encerramento do mandato de Prates.

VALOR DAS AÇÕES AO LONGO DO DIA (Em R$)

Fonte: Elos Ayta Consultoria

R$ 55,3 bilhões
Foi a maior perda de valor de mercado da Petrobras em mais de dez anos. No dia 8 de março deste ano, a decisão da estatal de não pagar dividendos extraordinários frustrou o mercado

R$ 34 bilhões
Queda de valor de mercado da Petrobras ontem. Agora, a empresa vale

R$ 509 bilhões

EDITORIA DE ARTE

PIORA NA GOVERNANÇA

Apesar de Magda Chambriard, indicada para assumir o comando da empresa, ter experiência no setor e ter sido funcionária de carreira da Petrobras, a leitura do mercado é que a troca evidencia maior risco de ingerência política na companhia e mudanças no plano de investimentos.

— Não se sabe qual é o potencial de mudança que pode acontecer. Os três pontos-chave que o mercado fica de olho na Petrobras são a distribuição de dividendos, os investimentos e o preço dos derivados no país — diz Ilan Arbetman, analista da Ativa Investimentos.

O Citigroup disse em nota que a demissão de Prates marca uma deterioração na governança da Petrobras e Magda chega com pressão para acelerar a expansão dos investimentos da estatal, o que pode resultar em menores dividendos.

Por outro lado, o Goldman Sachs destacou em relatório que a atual governança da estatal impede mudanças significativas por uma nova diretoria. O banco reconhece, no entanto, que a saída de Prates retoma os ruídos sobre intervenção política.

Para a XP Investimentos, a mudança repentina na gestão traz incerteza. "Os investidores estão particularmente preocupados com conflitos de interesse em temas como distribuição de dividendos, política de preços, planos de investimento, passivos fiscais contingentes, e outros. Embora não esperemos mudanças significativas nos dividendos e planos de capex (despesas de capital) a curto prazo, reconhecemos que a incerteza aumenta consideravelmente a percepção de risco", escreveram os analistas em relatório.

"Não é preciso dizer que isso é negativo, e acreditamos que os investidores começarão novamente a precificar maiores riscos de interferência política na empresa", afirmou o BTG Pactual em relatório.

Uma preocupação do mercado, destacou o banco, é que Prates era visto como um "forte defensor" da remuneração aos acionistas, então a postura de Magda em relação a esse assunto será importante para tranquilizar os investidores.

O BTG reiterou a sua recomendação de compra para as ações, no entanto, e afirma que essa troca não deve ameaçar a distribuição de dividendos em 2024 e 2025 de forma significativa.

O Jefferies, banco de investimentos americano, afirmou que a troca indica maior intervenção política na empresa.

'Deixamos a política de preços que o presidente pediu', diz Prates

Executivo se despediu da equipe e disse que não sabe se continua no PT

BRUNO ROSA E RENATA AGOSTINI
economia@oglobo.com.br
NO LIBERAL

Um dia depois da demissão, Jean Paul Prates foi até a sede da estatal buscar seus pertences e se despedir da equipe. Fez questão de sair pela porta da frente, onde jornalistas e funcionários da Petrobras acompanharam sua despedida. Prates, que é ex-senador licenciado do PT, disse que não sabe se continuará no partido. O executivo foi demitido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em uma reunião de 20 minutos no Palácio do Planalto. Segundo fontes, Prates compareceu pensando se tratar de reunião de rotina:

— Não sei o que vou fazer ainda. Estou pensando em política. Não vou tomar decisão nenhuma agora. Vou pensar. Estou triste. Só isso.

> *"Não sei o que vou fazer ainda. Estou pensando em política. Não vou tomar decisão nenhuma agora"*
>
> **Jean Paul Prates,** demitido da presidência da Petrobras

Na mensagem que distribuiu aos mais próximos após a demissão, Prates indicou ter se sentido constrangido com a presença de dois de seus principais desafetos no governo durante a reunião, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, e o da Casa Civil, Rui Costa.

Ontem, informou por WhatsApp as coordenadas de sua despedida. Na mensagem, dizia que sairia "pelas portas da frente". Prates informou que sairia às 11h45 do edifício-sede, às 14h passaria pela portaria da unidade da Petrobras no Maracanã e, por fim, às 15h30 deixaria o Centro de Pesquisas na cidade universitária. Funcionários receberam a mensagem sobre o evento de despedida.

Ele fez um balanço de sua gestão e disse que sua principal missão foi definir uma nova política de preços dos combustíveis a pedido de Lula. E disse que isso foi feito sem comprometer resultados. As ações da estatal subiram 128,9% na gestão dele.

— Deixamos uma política de preços que o presidente pediu, quando disse que ia abrasileirar os preços. O mercado entendeu, e a gente conseguiu explicar isso. Mostramos que a gente conseguiu fazer esses preços sem perder dinheiro — afirmou.

BRUNO ROSA

De saída. Prates se despediu de funcionários e publicou post nas redes

Alvo de cobrança do governo pela agenda de grandes obras, Prates citou que se reuniu com estaleiros nacionais e estrangeiros em Houston. E destacou a volta dos investimentos em transição energética. A decisão sobre o aporte de recursos para o segmento foi um dos focos de tensão entre Prates e Silveira. Ao agradecer à diretoria em um post em rede social, lembrou a criação da área de transição energética e criticou a orientação do governo anterior que "militava contra a sustentabilidade". Disse ter orgulho de ter começado sua carreira na Petrobras.

Perguntado se deixava uma estatal melhor para Magda Chambriard, indicada para o cargo, ele disse que sim:

— Sem dúvida, é uma empresa melhor. *(Colaborou Letycia Cardoso)*